

# A CASA TOMBADA

Lugar de Arte, Cultura e Educação

*FACONNECT*

**Curso de Pós-Graduação em COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA:  
CARTOGRAFIAS DA DIVERSIDADE E DAS SINGULARIDADES NA ATUAÇÃO  
COORDENADORA**

Mayara Ferreira Dela Libera

**Escola-Corpo/Corpo-Escola: deslocando olhares para o  
pulsar sensível**

## RESUMO

---

*O presente ensaio aborda a complexidade das afetações e sentires do território escolar a partir da narrativa de percurso de uma docente que busca compreender e resgatar o sentido de estar e ocupar, se sentir pertencente perante o universo que é a educação. As palavras brincam com a metáfora de corpo, mas um corpo-escola que clama para que seus modus operandi seja observado e questionado para que assim, seja ressuscitado uma prática docente que ligue a poética entre o afeto e intelecto. O trabalho desenvolve uma reflexão sobre o adentrar a escola enquanto corpo-estranho, corpo este que passa pelo período de transição entre aluna-docente, docente-aluna.*

**PALAVRAS-CHAVE:** CORPO-ESCOLA. INTELECTO. EDUCAÇÃO.  
EXPERIÊNCIA.

## ABSTRACT

---

This essay addresses the complexity of the affects and feelings of the school territory based on the narrative of a teacher's journey who seeks to understand and rescue the meaning of being and occupying, feeling like she belongs to the universe that is education. The words play with the metaphor of the body, but a school body that calls for its modus operandi to be observed and questioned so that a teaching practice that links poetics between affection and intellect can be resurrected. The work develops a reflection on entering the school as a foreign body, a body that goes through the transition period between student-teacher, teacher-student.

**KEYWORDS :** SCHOOL-BODY. INTELLECT. EDUCATION. EXPERIENCE.

## 1. INTRODUÇÃO

Quando optamos por não sair do território escolar e fazemos a escolha de continuar pisando e redescobrimo esse espaço passamos por algumas transições de ocupações, conseqüentemente transições de olhar e sentir. O cotidiano é singular e provocante, torna-se um convite aberto para questionar e mudar o que está ao nosso alcance, sendo assim, nos alargando a alma.

O solo sob meus pés ainda está fresco, sinto as raízes não tão escondidas arranhando delicadamente minha pele, assim como o raspar de algumas pedras que chamam minha atenção, me deixam em alerta para compreender e conhecer a cada pisar como andar por ali. Observo e cartografo a aventura que é a minha trajetória no chão da educação para compreender, identificar e comparar cada rizoma que cresce e fincam seus pedaços por aí.

A metamorfose ambulante transitava através dos papéis que se alternavam entre aluna-docente e docente-aluna, adentrei no território Escola-Corpo me sentindo um Corpo-Estranho, tentando entender seu funcionamento. Sendo assim, as palavras dispostas neste ensaio-desabafo é uma maneira de acolher e coletar as percepções desse mundo vasto que é educação, mas enxergar atenta a este solo que nos permite jogar sementes para florescer e nutrir.

Esses nutrientes que alimentam possibilidades e permitem deslocamentos, uma maneira metafórica de enxergar e se perceber dentro de um funcionamento que é coletivo, vivo. Não há compromisso em buscar uma verdade absoluta ou respostas, porém, é o inquietar das indagações que auxiliam a regar o espírito de pesquisadora, experimentadora, mas acima de tudo, eterna aprendiz.

Aprendiz que hoje está no início do percurso, aprendendo a cada dia ser uma docente, uma educadora com o compromisso de resgatar a sensibilidade, mas principalmente como habitar, ocupar e existir apesar dos obstáculos e dificuldades.

## 2. Escola-Corpo/Corpo-Escola: deslocando olhares para o pulsar sensível

Encontram-se espalhados por todos os lugares e espaços, não tem forma e nem cores definidas em seu desenho mutável, suas entranhas são capazes de abrigar diversas texturas, cheiros e sabores. Suas vísceras continuam zelando por sua estrutura, em que as paredes rememoram sempre ansiando por registros de vivências e passagens de processos, assim como sentir o correr de vestígios das pisadas ao tocar de seu chão. Adentrava no organismo que era novo, mas não desconhecido.

O Corpo-Estranho penetrava aquele território curiosamente observando e sentindo tudo a sua volta, reconhecia sua estrutura do teto ao chão, identificava as sensações que embalavam as vibrações do seu estar ali. A sua presença não alarmou o sistema, escolheu ficar e tentar fazer parte do funcionamento daquele viver. Como pertencer?

Na falta de alarde sentiu-se invisível, como poderia habitar e ocupar sem ser visto ou reconhecido? Afinal, “habitar um recinto é mais do que estar nele, é crescer com ele, é dar significação [...]” (OITICICA apud SALOMÃO, 2013, p.326.) para alargar possibilidades. Já não queria se sentir dessa forma, Corpo-Estranho.

Percorreu por toda a estrutura que se fazia presente em busca de seus significados e experiências, ia conhecendo e reconhecendo cada fragmento que constituía seu entorno. Encontrou-se naquele espaço que se ocupava de tantos formatos e cores, questionou se viria a se transformar também.

Percebeu o contorno vibrar e de sua figura ser atravessada, conseguia sentir a mudança em sua forma enquanto o restante demonstrava-se imutável, o espaço protegido de arcabouço e revestido com camadas de cartilagem não foi o suficiente para conter os estímulos que chegavam. O soar das cadeiras, os pulsares trombando-se entre si e o bombear das onomatopeias anunciavam que mais uma jornada já estava a nossa espera.

As veias e artérias ofegavam conhecimentos que nutriam os tecidos, sendo assim, Escola-Corpo conseguiria inspirar e expirar, sustentando suas potencialidades

contribuindo com aqueles que a constituem. O Oxigênio que convida os poros a se dilatar, abrindo-se para ser sentido, tocado e vivenciado a compreender que:

{...} a vida deve ser uma expressão integradora das relações e a escola uma experiência potente de dar sentido as coisas da vida. se não há sentido dermoporoso no que aprendemos, então não há vida, não há educação e muito menos aprendizagem. a escola precisa ser espaço de pesquisa-viva. escola como espaço vivo. (LACOMBE, 2022, p.296).

Aproveitou-se das brechas entre as válvulas que faziam o pulsar para se apropriar daquele alimento, sugou o máximo que pode e observou os caminhos que poderiam ser percorridos, imaginando alcançar sua transformação. Queria sentir aquela mudança o percorrer novamente, gostaria de deixar atravessar a aderência em seus tecidos para assim ser enxergado e reconhecido como parte do Escola-Corpo/Corpo-Escola.

Comprometeu-se ao experienciar, vivenciar e compreender os afetos e intelecto que entrelaçam o funcionamento do sistema, acompanhando de perto do entrar ao esvair-se entre as trocas de substâncias e moléculas. Sem que se desse conta, esse observar ia construindo sua capacidade de fruir e devanear, percebe-se fazendo parte das múltiplas relações, assim como sua identidade.

Essas ações produzem micropertubações que são capazes de irrigar nossas microidentidades nas vivências dentro de cada micromundo (VARELA apud POZZANA, 2013, p.328), nos provocando a fluir o desejo de seguir um latejar dos saberes, indagações e percepções para que se possa desenvolver uma troca de deslocamentos de existências e resistências. De fato, se faz necessário mapear para mudar e assim habitar? Obter uma forma é o caminho para pertencer? Se nomear e classificar é encontrar-se?

Não sabia se havia respostas ou se as encontraria, mas conseguia experienciar daquela nutrição cedida dentro dos diversos pequenos terrenos que se encontravam espalhados nas entranhas, fisgava traços das identidades através da contemplação da singularidade, ocupar e existir. Dessa maneira, assimilando que “[...] compreender o processo de construção de conhecimento pedagógico de forma compartilhada

implica compreender como se constitui esse processo no cotidiano da escola.” (BOLZAN, 2009, p.27).

Um ruído de tesouras cortando papéis alcançou o Corpo-Estranho que se colocou rapidamente disposto a pescar mais um conhecimento que estava sendo compartilhado, posicionou-se a partir das válvulas e entre as vísceras para absorver aquela iguaria. Os pequenos palpites que se fazia presente, estavam unindo micros formatos com o objetivo de alcançar a imagem completa e antes mesmo de se dar conta ouviu sua nomeação, quebra-cabeça.

O quebra-cabeça foi inventado há muito tempo atrás através dos cartógrafos, colavam mapas em cima de suportes de madeira e em seguida cortavam em pedaços com o intuito de fixar informações sobre espaços e territórios que foram cartografados, ou seja, mapeados e registrados. A cartografia é ligada automaticamente ao ensino de Geografia, mas através da escuta e do olhar atento, Corpo-Estranho transcendeu compreendendo a essência do método para outras áreas e possibilidades.

Não se nasce e não existe a criação de uma receita para ser seguida, mas descobre-se cartógrafo no seu próprio trilhar, pois o cartografar “sujeito e mundo que são inventados no processo investigativo, marcados pelo inacabamento e pela experimentação” (POZZANA, 2013, p.132) de enxergar além do habitual, vestir a colcha de retalhos de eterno aprendiz. O Corpo não tinha formato, porém, entrelaçou-se nos fragmentos tecidos da experiência para auxiliá-lo no regar, nutrindo a base de seu rizoma, e assim seguir suas raízes.

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (LAROSSA, 2002, p.24).

O Corpo-Estranho a partir de seu transcender de conhecimentos alterou seu *modus operandi*, percebeu que há tempos vagava desatento pelo território em busca

de objetivar e validar sua presença, sua atenção está a flutuar agora. Flutua e ocupa, sente o sentido mesmo quando não se faz tocar, tecido poroso que carrega erupções, retalhos, aceita o convite de se costurar, pertencer sem se moldar. Não precisa mudar.

Escola-Corpo/Corpo-Escola, sistema que pulsa, bombeia sangue que percorre suas veias-artérias-rizomatosas, alimento que nos ajuda a digerir as fruições vindas das experiências que atravessam e ecoam em nós. Poros dilatados que se abrem e absorvem o toque das mentes no teto, o sentir das paredes e o ouvir do chão, mapeia as afetações que constituem aquele que seu território habitar, Eu, Corpo-Estranho.

Corpo-Estranho Eu, que escolhi habitar e procuro maneiras de subverter meu respirar a fim de encontrar e gerar pertencimento de estar e ocupar, colete olhares, cheiros, gostos, ideias para construir meu manto de retalho. Um manto que alimenta tecido dermoporoso, protege e acolhe meu sentir.

Olhar flutuante que recolhe e busca tecidos ao longo do processo, fica atento ao pulsar das sensibilidades, conecta em sua forma, cartografar. Mapeia as afetações, costura suas vivências, pesquisa-intervenção que forma e cria o mundo. Eu, Corpo-Estranho, Aluna-Professora, Professora-Aluna que sente e se descobre cartografa em formação.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma parcela de tempo considerável de nosso cotidiano se faz concentrada dentro das instituições, sejam elas públicas ou privadas em que contribuímos para a construção de novos saberes e memórias, construimos relações de amizades, afetos e pontes que ressignificam caminhos. E são nossos passos que deixam as marcas desde o chão da sala dos professores até as salas de aulas que entramos no decorrer de cada dia, respirando experiência e inspirando vivência.

São as trocas e partilhas que tornam de minhas angústias e indecisões das tomadas de trajetórias para **nossas**, pois é no coletivo que sinto as cores e texturas que me fizeram chegar aqui, professora-pesquisadora-aprendiz em eterna formação de questionar. Ao longo do processo de escrita, me permiti sentir e olhar para o solo

molhado, seco, úmido, e craquelado do cotidiano escolar, ressignificando os sentidos e estímulos.

As vezes o cansaço é mais persistente que nossa força de vontade de fazer e querer, nossos sentidos nos sabotam ao ponto de não entendermos de onde vem o barulho ou aquela voz que te chama, afinal, será mesmo que alguém enunciou ao seu chamado? Os estudantes estão de fato barulhentos ou é apenas a consequência do acúmulo de vozes para um ressoar de poucos metros quadrados para muitas pessoas habitarem?

O que podemos comprovar e afirmar é a habilidade universal que os alunos possuem de pedir silêncio com a potência máxima de suas afinadas cordas vocais, o ranger das cadeiras e mesas sendo carinhosamente arrastadas e principalmente, as cantorias que surgem espontaneamente contagiando todos aqueles que conhecem o refrão. Silêncio, silêncio esse que quando alcançado é possível ouvir o engolir da água ao bombear dos corações que alimentam as fadigas risadas e o bater de pernas nos extensos corredores.

É absorver as energias dos berros que ecoam e atravessam nossos corpos, alimentar a rega para que brotos possam crescer e serem acolhidos por braços que queiram ser torcidos, queiram criar e inventar. As palavras que preenchem os espaços que aqui jaziam-se em branco não carregam respostas ou soluções, tudo se trata de uma grande reflexão e a conclusão de que não há uma, por ora.

Penso e longo existo, ocupo esse território que se permite constantemente se reinventar e ensinar os corajosos que estão dispostos a deixar a polifonia de um chão que pulsa sob seus contornos e formas. Já permitiu se deixar afetar pelos afetos que aguçam os sentidos?





## REFERÊNCIAS

BOLZAN, D. P. V. Formação de professores: compartilhando e reconstruindo conhecimentos. Porto Alegre: Mediação, 2009.

LACOMBE, Patricia. O saber e a arte: experiências de insurgência entre ser da escola e ocupar a escola. 2022. Tese (Doutorado em Arte) – Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita Filho” – Instituto de artes de São Paulo, SP, 2022.

LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. Revista Brasileira de Educação. No.19, jan, fev, mar, 2002.

POZZANA, L. “A formação do cartógrafo é o mundo”, *in*: **Pistas vol. 2**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2016.